

ARTIFÍCIOS POÉTICOS NA LATINIDADE DOS SÉCULOS XI E XII

Edison Lourenço Molinari (UFRJ)

A VERSIFICAÇÃO CLÁSSICA

O verso latino estava assentado sobre a quantidade silábica, sendo constituído pela oposição entre sílabas longas e sílabas breves. Para efeitos métricos uma longa tinha a duração de duas breves, e a sucessão regular de longas e breves estabelecia um ritmo extremamente sensível aos ouvidos dos antigos romanos.

Na contagem das sílabas poéticas, quando havia o encontro de um final de palavra terminado por *vogal* ou *-m* e de uma palavra seguinte iniciada por *vogal* ou *h-*, a sílaba final da primeira palavra anulava-se para efeito de escansão, como se ela não fosse pronunciada.

Um verso formado de palavras de extensão corrente apresenta obrigatoriamente no seu interior uma pausa ligeira em local determinado chama cesura – a qual divide o verso em dois membros ou hemistíquios. Certos versos podem ter mais de uma cesura. Para os efeitos deste trabalho, limitar-nos-emos ao verso hexâmetro dactílico.

O hexâmetro dactílico possui como unidade métrica o dátilo, formado por uma sílaba longa seguida de duas breves. Como a longa equivale a duas breves, o pé do hexâmetro, por substituição, poderá apresentar uma seqüência de duas longas (espondeu). Com relação aos dois últimos pés do hexâmetro, quase sempre o penúltimo apresenta um dátilo, e o sexto um espondeu, ou um pé abreviado, formado de uma longa e uma breve (troqueu).

- dátilo = longa + breve + breve
- espondeu = longa + longa
- troqueu = longa +breve (somente no sexto pé)

No verso hexâmetro são possíveis três tipos de cesura:

- a) triemímere – empregada após o terceiro meio-pé do verso
- b) pentemímere – empregada após o quinto meio-pé do verso (é a mais freqüente no hexâmetro)
- c) heftemímere – empregada após o sétimo meio-pé do verso.

Embora a cesura seja uma pausa independente do sentido, ela pode colocar em relevo palavras unidas pela sintaxe.

Resta-nos falar do verso pentâmetro ou elegíaco, que forma o dístico elegíaco, quando acrescido ao hexâmetro. É também formado a partir do

dáctilo e apresenta duas seqüências de dois pés e meio, separadas obrigatoriamente por uma cesura pentemímere.

Eis o seu esquema teórico:

dáctilo + dáctilo + sílaba longa || dáctilo + dáctilo + sílaba longa

Toda a métrica clássica, segundo Nougaret (1948: 122), repousa sobre a pronúncia corrente, pelo menos sobre a pronúncia da classe culta. O vínculo existente entre a língua falada e a língua literária rompeu-se no começo do século III D.C. Isto ocorreu porque o acento verbal, que era um acento de altura, um acento musical, evoluíra lentamente, tornando-se um acento de intensidade. Por conseguinte, os sinais de longa e breve passaram a marcar não a quantidade, mas a sílaba acentuada e as sílabas átonas. Surgem assim as condições necessárias para o nascimento de uma nova versificação, ou seja, a versificação rítmica; paralelamente, a versificação quantitativa, herdade do período clássico, torna-se convencional no decorrer dos séculos, acessível apenas aos eruditos e letrados, deixa de ser popular. Fazia-se necessário recorrer a um novo princípio, de conformidade com o novo estado da língua, para compor versos, cujo ritmo fosse sensível aos contemporâneos, ajustado ao acento de intensidade.

Para ilustrar nossas palavras sobre o hexâmetro clássico, verso por excelência da epopéia greco-latina, selecionamos um trecho da *Eneida* de Vergílio (3,94-98). Após deixar Tróia destruída, Enéias parte com os sobreviventes em busca de uma nova pátria para o seu povo, em cumprimento a uma missão que lhe confiaram os deuses olímpicos. Chegando a Delos, dirige-se ao templo de Apolo, onde o deus lhe ordena que procure a terra de seus ancestrais, para nela edificar a nova Tróia. Trata-se da Itália, berço do rei Dárdano, antepassado dos troianos. Originário de Cortona, na Itália Central, aí fundara seu reino e depois imigrara para a Frígia, na Ásia Menor, onde fundara a cidade de Dardânia, em terras cedidas pelo rei Teucro. Posteriormente, construiu a cidadela de Tróia, tornando-se o rei dos troianos. Eis os versos vergilianos:

*Dardanidae duri, quae uos a stirpe parentum
prima tulit tellus, eadem uos ubere laeto
accipiet reduces. Antiquam exquirite matrem.
Hic domus Aeneae cunctis dominabitur oris
et nati natorum et qui nascentur ab illis.*

(Ó duros descendentes de Dárdano, a mesma terra que primeiro vos abrigou desde a origem de vossos pais, acolher-vos-á em seu seio fecundo, ao retornardes a ela. Procurai vossa antiga mãe. Aí a realza de Enéias,

bem como os filhos de seus filhos e os que deles nascerem, reinarão sobre todas as regiões).

Abaixo retomamos o texto, separando os pés de cada hexâmetro com uma barra vertical e assinalamos as cesuras com duas barras verticais:

**Dardani|dae du|ri, || quae | uos a | stirpe pa|rentum
prima tu|lit tel|lus, || ea|dem uos | ubere| laeto
accipi|et redu|ces. || An|tiquam ex|quirite | matrem.
Hic domus | Aene|ae || cunc|tis domi|nabitur | oris
et na|ti na|to||rum et | qui nas|centur ab | illis.**

Observe-se que as cesuras assinaladas põem em destaque:

- a) a dureza das provações que os deuses impõem aos troianos;
- b) a terra de seus ancestrais itálicos;
- c) o retorno à pátria de Dárdano, para a fundação da nova Tróia;
- d) a ascendência política de Enéias e seus descendentes sobre os demais povos itálicos;
- e) a perpetuação da nova dinastia através dos tempos.

AS TRANSFORMAÇÕES DO HEXÂMETRO MEDIEVAL

Após este rápido exame do hexâmetro clássico, vejamos as novas técnicas versificatórias que motivaram as metamorfoses deste verso e estimularam a criatividade artística daqueles que o cultivaram, esforçando-se por conciliar a tradição latina com a realidade lingüística medieval.

O hexâmetro dactílico atingiu plenamente suas formas medievais a partir do século XI. Os estudos latinos aprofundaram-se cada vez mais, de tal modo que mestres e alunos chegaram a atingir todos os requintes da língua culta. Assim, a perfeição lingüística tornou-se um ideal da literatura latina no século XII. No que respeita à estrutura melódica do hexâmetro, o virtuosismo versificatório dos professores abrangia o léxico, a morfossintaxe e os esquemas rítmicos.

Para o conhecimento aprofundado deste assunto, encaminhamos o leitor às obras de Dag Norberg, nas quais são tratados os fatos referentes à poesia latina medieval. Entre os mestres da latinidade medieval, destacamos Everardo, o Alemão (Everardus Alemannus), clérigo, professor, poeta e retor, que escreveu em versos um tratado de poética intitulado *Laborintus*, editado por Edmond Faral em seu estudo sobre as artes poéticas dos séculos XII e XIII (1971: 336-377). Além do ensino da gramática e das técnicas de composição poética, Everardo aborda (a partir do verso 687), entre outros

assuntos, a versificação métrica, os tipos de hexâmetros medievais e a versificação rítmica. Embora não haja dados preciosos sobre a data do livro, a não ser que é anterior a 1280, segundo Edmond Faral (*op. cit.*, p. 39), estamos certos de que ele constitui um precioso documento a respeito da versificação medieval latina vigente no período delimitado em nosso trabalho. As várias formas de hexâmetros desenvolvidas pelos poetas do século XII acham-se exemplificadas no *Laborintus*. A seguir apresentaremos algumas dessas formas adquiridas pelo hexâmetro medieval

a) *versus rapportati* –

A técnica utilizada nesses versos consiste em reunir os termos oracionais do verso em grupos isossintáticos, de modo que a leitura desses grupos exige a reestruturação sintática desses termos, para que se obtenha uma nova seqüência oracional lógica e coerente.

*Pastor arator eques pavi colui superati
Capras rus hostes fronde ligone manu.*

O texto apresenta grupos ternários de nominativos (N), verbos (V), acusativos (AC) e ablativos (AB), e seu esquema é o seguinte:

N1 N2 N3 / V1 V2 V3 / AC1 AC2 AC3 / AB1 AB2 AB3

A construção normal teria o seguinte esquema

N1 V1 AC1 AB1 / N2 V2 AC2 AB2 / N3 V3 AC3 AB3

Reconstruindo as orações do dístico, teremos:

*Pastor pavi capras fronde / arator colui rus ligone / eques superavi
hostes manu.*

(Como pastor apascentei cabras com folhagem, como lavrador cultivei o campo com a enxada, como cavaleiro venci os inimigos com a mão).

Precebe-se, portanto, que o dístico anônimo refere-se aos três poemas vergilianos: *Bucólicas*, *Geórgicas* e *Eneida*.

Para exemplificar esse tipo de versos na Idade Média latina, selecionamos um trecho de Mathieu de Vendôme (Mathaeus Vindocinensis), que se celebrou tanto como poeta elegíaco, inspirado nos temas ovidianos quanto como professor de retórica nas escolas de Orléans, no século XII. Trata-se de uma passagem de sua arte poética intitulada *Ars Versificatoria*, editada por Edmond Faral (*op. cit.*, p. 106-193). Dela extraímos um trecho da descrição de Ulisses, o herói homérico dotado de inúmeros artifícios (“*anér polytropos*”, *Odisséia*, 1, 1), famoso por sua extraordinária capacidade persuasiva, no uso da palavra. Passemos ao texto de Mathieu de Vendôme

(1, 52, 57-60):

*Vincit, alit, cumulat fortis, consultus, honestus
Aspera, jura, fidem vi, ratione, statu.
Prudens, facundus, largus beat, ornat, honorat
Pectora, verba, manum mente, decore, datis.*

O trecho acima é formado de dois dísticos elegíacos. No primeiro, vemos seqüências ternárias apresentadas na seguinte ordem: Verbo, Nominativo, Acusativo e Ablativo. No segundo, os mesmos termos vêm dispostos em ordem diferente: Nominativo, Verbo, Acusativo e Ablativo.

O primeiro dístico possui o seguinte esquema poético:

V1 V2 V3 / N1 N2 N3 / AC1 AC2 AC3 / AB1 AB2 AB3

O segundo dístico apresenta o seguinte esquema:

N1 N2 N3 / V1 V2 V3 / AC1 AC2 AC3 / AB1 AB2 AB3

Em ambos os dísticos, o nominativo ressalta os traços mais marcantes na análise do herói homérico; a força física, o sentimento de justiça, a lealdade, a prudência, a eloqüência persuasiva e a generosidade. Os verbos enfatizam as ações por ele empreendidas. Os acusativos destacam seus propósitos e objetivos. Os ablativos põem em relevo os meios utilizados por ele, para o aperfeiçoamento de suas virtudes.

Reagrupando as estruturas sintáticas dos dois dísticos, teremos o seguinte resultado:

A. no primeiro dístico:

Vincit fortis aspera vi, alit consultus jura ratione, cumulat honestus fidem statu.

B. no segundo dístico:

Prudens beat pectora mente, facundus ornat verba decore, largus honorat manum datis.

(Forte vence as dificuldades com energia, sábio engrandece a justiça com inteligência, honesto enaltece a lealdade com firmeza. Prudente enobrece os sentimentos com a razão, eloqüente ornamenta as palavras com elegância, generoso dignifica a mão com dádivas).

b. *versus leonini* –

São os versos hexâmetros divididos em dois hemistíquios que rimam

entre si. Essa denominação era aplicada, inicialmente, ao estilo epistolar do Papa Leão, o Grande, que viveu no século V – o *leoninus cursus* – estendendo-se ao hexâmetro com rima interior, pois na Idade Média, segundo Curtius (1957: 157), facilmente se confundiam ou se trocavam os termos poesia e prosa. O verso leonino tinha defensores e adversários ardorosos. Os autores que o cultivavam, costumavam empregá-lo com hexâmetros de feição clássica; seus inimigos consideravam-no monótono e desprovido de valor artístico. O poeta Mathieu de Vendôme, que estudou em Orléans e lecionou retórica em Orléans e Paris, condenava-o com veemência. Sua aversão a este verso reflete a opinião geral da época, considerando-se o prestígio de que ele desfrutava como poeta e teórico das letras latinas. Transcrevemos o trecho da *Ars Versificatoria*, onde Mathieu de Vendôme condena o hexâmetro leonino (2, 43).

Amplius, a praesentis doctrinae traditione excludantur versus inopes rerum nugaeque canorae, scilicet frivolae nugarum aggregationes, quae quasi jocularitricae vel gesticulatricae auribus alludunt solo consonantiae blandimento, quae possunt cadaver examinatum imitari, promptuarium sine vino, manipulum sine grano, cibarium sine condimento, quae vesicae distentas possunt comparari, quae ventoso distenta sibilo sine venustate sonum distillans ex sola ventositate sui tumoris contrahit venustatem: scilicet versus leonini, quorum venustas sicut ratio nominis ignoratur; in quibus quidam tibicines et imperiti in exercitio leonis morum maxime gloriantur.

(Além disso, sejam excluídos do ensino da presente doutrina os versos desprovidos de conteúdo e as futilidades musicais, a saber, as frívolas uniões de futilidades, que como gracejadoras ou gesticuladoras divertem os ouvidos somente com a carícia de sua sonoridade, que podem imitar um cadáver inanimado, uma despensa sem vinho, um molho sem grãos, um alimento sem tempero, que podem ser comparadas a uma bexiga esticada que, dilatada pelo soprar do vento, emitindo um som sem beleza, revela sua beleza somente com a ventosidade da sua inchação: a saber, os versos leoninos, cuja beleza e causa do nome são ignoradas; com eles se vangloriam sobretudo certos flautistas e os inexperientes na prática dos costumes de um leão).

O poeta Bernard de Cluny assume uma posição mais equilibrada a respeito destes versos. Utilizando como recurso estilístico uma metáfora com a expressão *versus arare*, na qual fica evidente o sentido inicial da palavra *versus* (sulco aberto pelo arado na terra para semeá-la), este autor defende o emprego dos versos clássicos associados ao verso leonino. Assinalamos as rimas leoninas, para ressaltá-las:

*Ne stupeas, lector, quia sepe Leonica sector:
Gratis grata sonis admisceo metra Leonis.
Nunc versus planos aro scilicet Ovidianos.
Nam querunt illos quidam, quidam magis istos.*

*Est aliud quare metra parco Leonis arare:
Versus enervat qui verba Veonica servat.
Nec succinctus erit qui dicta Leonica querit.
Ergo commixtos nunc illos, nunc sequor istos.*

(Não te espantes, leitor, porque eu adoto com freqüência as rimas leoninas: eu misturo aos sons agradáveis os metros agradáveis do mestre Leão. Agora eu componho certamente versos planos inspirados em Ovídio; com efeito alguns poetas procuram aqueles versos, outros preferem estes.

Há um outro motivo pelo qual eu procuro empregar metros leoninos com moderação: quem utiliza as rimas leoninas enfraquece os versos, e não será sucinto quem procura as palavras leoninas. Portanto, ora eu adoto aqueles misturados, ora adoto estes versos).

c. *versus cruciferi* ou *crucifixi* –
Apresentam rimas cruzadas do tipo ab-ba:

*Angelico verbo castus tuus intumet alvus.
Ut fieret salvus homo tentus ab hoste superbo.*

(O teu casto ventre cresce com o verbo angélico, para que fosse salvo o homem dominado pelo inimigo soberbo).

d. *versus adonici* –
São hexâmetros divididos pelas rimas em três partes iguais.

*Dextera Christi, nos rapuisti de nece tristi,
Plasmata patris, tollis ab atris leta barathris.*

(Ó direita de Cristo, Livraste-nos da morte triste, e ergues dos negros abismos as felizes criaturas do pai).

e. *versus collaterales* ou *concatenati* –

*Noscere defectus delictorum propriorum
Plus habet effectus quam sidera nosse polorum*

(Reconhecer as desvantagens dos próprios erros tem mais utilidade

que conhece os astros do céu).

f. *versus unisoni* ou *quadrigati* –

São dois hexâmetros que possuem rimas a-a-a-a:

*Festa sonans mando, cum funere proelia pando,
Meque fugit, quando resono, cum fulmine grando.*

(Sonoro eu envio a alegria, espalho os combates com a morte, e quando eu ressoo, foge de mim o granizo com o raio).

g. *versus aequivoci* –

Admitem uma leitura horizontal e outra vertical, mas com sentido contrário.

*Dilige luxuriam vitium cole destrue sancta
Iustitiam fuge sperne Deum Sathanam venerare.*

A leitura horizontal permite a seguinte tradução: Ama a luxúria, cultua o vício, destrói as coisas santas, foge da justiça, despreza a Deus, venera Satanás.

A leitura vertical fornece-nos: Ama a justiça, foge da luxúria, despreza o vício, cultua a Deus, destrói Satanás, venera as coisas santas.

h. *versus retrogradi* –

Podem ser lidos de trás para diante, mas como versos de sentido contrário, como ocorre no dístico elegíaco abaixo:

*Hospitibus pius est nec vendit fercula, donat
Pocula gratis nec hic negat hospitium.*

Lendo os versos no sentido normal, sua tradução será: Ele é piedoso para com os hóspedes e não vende as refeições, serve as bebidas gratuitamente e não lhes nega hospedagem.

Invertendo-se a ordem das palavras, teremos a seguinte tradução: Ele nega hospedagem e não serve as bebidas gratuitamente, vende as refeições e não é piedoso para com os hóspedes.

BIBLIOGRAFIA

1. BALDWIN, Charles Sears. *Medieval Rhetoric and Poetic to 1400*. Gloucester: Peter Smith, 1959.
2. CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura européia e Idade Média latina*. Trad. Teodoro Cabral, com a colaboração de Paulo Rónai. Rio de Janeiro: INL, 1957.
3. FARAL, Edmond. *Les arts poétiques du XIIe. et du XIIIe. siècle*. Paris: Librairie Honoré Champion, 1971.
4. MOHRMANN, Christine. *Latin vulgaire, latin des chrétiens, latin médiéval*. Paris: Klincksieck, 1955.
5. NORBERG, Dag. *Manuel pratique de latin médiéval*. Paris: Picard, 1968.
6. NOUGARET, Louis. *Traité de metrique latine classique*. Paris: Klincksieck, 1948.
7. POÉSIE LYRIQUE LATINE DU MOYEN ÂGE: textes présentés et traduits par Pascale Bourgain. Paris: Christian Bourgois Éditeur, 1989.
8. RABY, F.J.E. *A history of Christian-latin Poetry from the beginning to the close of the Middle Ages*. 2 ed. Oxford: Clarendon Press, 1953.
9. ———. *A history of secular latin Poetry in the Middle Ages*. 2. ed. Oxford: Clarendon Press, 1957. 2 v.
10. STRECKER, Karl. *Introduction à l'étude du latin médiéval*. Trad. Paul Van de Woestijne. 3. éd. rev. corr. augm. Lille: Librairie F.Giard, 1948.
11. VIRGILE. *Énéide*. 3. tir. Paris: Belles Lettres, 1967.